

FILMMAKER



Gustavo Massola na Serra da Capivara, no Piauí, ajustando seu equipamento à noite

Fotos: Gustavo Massola

O BÁSICO DA TÉCNICA PARA BRINCAR COM O TEMPO

Veja como fazer *timelapse* e *hiperlapse* com o *filmmaker* Gustavo Massola, que dá dicas essenciais para quem deseja se aventurar nesse universo

POR GUILHERME MOTA

Fotografar é visto como a arte de congelar o tempo, e filmar seria a forma de “reproduzir” a vida real. O *timelapse*, por sua vez, é a combinação dessas duas facetas, abrindo as portas para outra maneira de olhar o mundo: através do tempo. Tão antigo quanto o próprio cine-

ma, consiste basicamente em capturar o vídeo a uma taxa de quadros extremamente baixa – com velocidades que podem chegar a 1 *frame* por hora ou mais (tudo vai depender da intenção). Quando reproduzido numa taxa “normal” de 24 ou 30 *frames* por segundo, o resultado é um vídeo em que o tem-

po passa rapidamente. Por causa das imagens impactantes, é um recurso bastante explorado pelo cinema. Exatamente por esse motivo que *filmmakers* de várias partes do mundo, como o brasileiro Gustavo Massola, se dedicam à criação de vídeos com um padrão de tempo alterado.

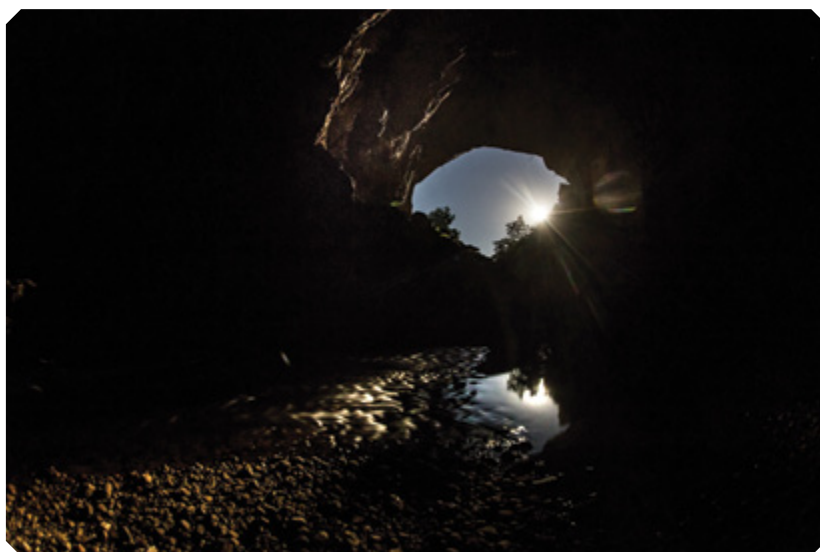
Produções noturnas em *timelapse* requerem muito cuidado técnico para a captura das imagens

No Brasil, a produção de *timelapse* ainda é pequena se comparada a de outros países, constata o paulista Massola. Formado em Comunicação Social pela FAAP, já trabalhou em produtoras e chegou a comandar a própria agência de publicidade por sete anos. Hoje, aos 40 anos, ele concilia a captação de filmes corporativos com a produção autoral, um trabalho que começou justamente com o estudo aprofundado do *timelapse*, no final de 2010.

Na época, conta, o intuito era “captar os ciclos de tempo não óbvios”, ou seja, os movimentos que não são percebidos naturalmente. “O *timelapse* torna esses movimentos perceptíveis, como o deslocamento de tempestades e a incidência do sol”, diz. O *filmmaker* é autor de várias séries fotográficas e audiovisuais ganhadores de prêmios nacionais e internacionais, e possui dois longas-metragens previstos para serem lançados em 2018. “A base do meu trabalho autoral é garimpar o que a estrada, o que a jornada, traz. Os registros podem ser por meio da fotografia, do vídeo ou apenas escritos em diários das viagens, no fim tudo é um movimento só”, explica.

Dentro dessa perspectiva, a técnica de alterar o padrão normal de tempo de forma criativa sempre permeou suas obras, com destaque especial para o longa-metragem *Imersões Noturnas* (previsto para estrear no primeiro trimestre de 2018), iniciado a partir de outro trabalho, uma série sobre pinturas rupestres na Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI), em 2014. “Ali surgiu a necessidade de me aprofundar em fotografia noturna para registrar as pinturas à noite. O projeto se ampliou e nesses últimos anos fui a diversos lugares do Brasil em busca dessa fotografia surreal”, comenta.





Sequência feita de dentro de uma caverna: aprender a técnica vai muito de tentativa e erro, afirma Massola

MOVIMENTO

Massola explora também o chamado *hyperlapse*. Para esse tipo de criação, a câmera precisa se movimentar a cada clique, e quanto mais preciso for o deslocamento, mais suave é a transição. Ele usa um *slider* motorizado de 70 cm, criado por um engenheiro especialmente para o projeto. Assim, captura imagens noturnas das paisagens, somando os movimentos naturais do ambiente e das estrelas aos da câmera, criando um efeito imersivo ainda mais intenso. “Os *timelapses* noturnos são bastante desafiadores tecnicamente”, revela. Além do *slider*, Massola leva a campo uma câmera Canon EOS 6D, um intervalômetro e três objetivas Canon: 8-15 mm f/4 *fisheye*, 24-105 mm f/4 e uma 24 mm/f1.4, além de tripés e baterias extras.

Para atingir o grau de precisão que deseja em cada captura, Massola estudou sozinho os melhores formatos e características de filmagem. “Foram literalmente centenas de tentativas e erros, muitos mesmo, até ser natural ver uma situação e saber que configuração utilizar”, afirma. Nesse processo, o autor conta que teve também uma fase “urbana”, mas seu foco sempre foi a captura da natureza, onde “as variáveis e os desafios são maiores, porque são mais incontroláveis e imprevisíveis”, comenta ele.

TEMAS

De um modo geral, qualquer assunto pode ser o foco de um *timelapse*. Temas comuns são flores desabrochando e plantas crescendo, pessoas circulando, o movimento das cidades e automóveis, céus e paisagens, ou mesmo combinações dessas e outras temáticas. Há, ainda, variáveis interessantes, como os vídeos criados pelo diretor americano Terence Malick ex-



Fotos: Gustavo Massola



Aqui, o destaque da sequência é o movimento da grande nuvem de chuva: é possível fazer *timelapse* com uma câmera DSLR básica



clusivamente para o filme *Awaken* (estrea em 2018), que exigiram sistemas especiais para capturar *timelapses* a bordo de helicópteros e veículos em movimento. Até o Google está criando uma espécie de “*timelapse* colaborativo *online*”, utilizando apenas imagens postadas na internet ao longo dos anos.

Já no trabalho de Massola, o foco está na exploração de temas e histórias ligados à realidade nacional e ao chamado “Brasil profundo”, ou seja, locais do País pouco explorados – e muitas vezes desconhecidos dos próprios brasileiros, mesclando elementos naturais e astrofotografia, tendo como pano de fundo a busca pessoal do autor.

Já em *BR Tempestade*, o *filmmaker* explora a técnica na captura da formação e dinâmica das tempestades em território brasileiro.

COMO FAZER TIMELAPSE

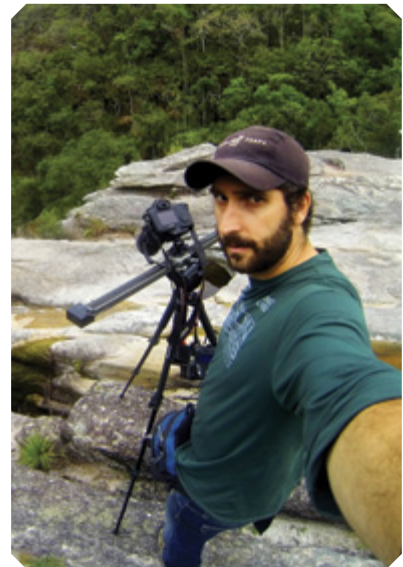
O *timelapse* nada mais é que a compilação de fotos sequenciais, feitas com um intervalo de tempo tal que crie uma sensação de movimento e, na grande maioria das vezes, de uma passagem acelerada do tempo. À primeira vista, parece algo fácil de criar, mas para dominar a técnica – e produzir um resultado impactante – é importante conhecer como o processo funciona. Veja algumas dicas que podem ajudar um iniciante a atingir outro patamar no assunto.

Primeiros passos – A técnica do *timelapse* vem sendo aprimorada constantemente, com novas aplicações e ferramentas dedicadas aparecendo a cada dia. Ainda assim, o equipamento básico é muito simples: basta usar uma câmera capaz de realizar fotos sequenciais automaticamente – o que pode variar de uma DSLR de entrada ou uma *mirrorless* a um *smartphone* avançado.

Os acessórios adicionais, e ainda básicos, são um intervalômetro externo (caso a câmera não possua) e um bom tripé – quanto mais firme, melhor. A partir daí, é possível adicionar uma série de acessórios como *gimbals* estabilizadas



Gustavo Massola na montanha preparando o equipamento: ele faz tudo sozinho



eletronicamente e *sliders* motorizados, que permitem configurar o tempo e a distância de cada “passo” da câmera.

Outro fator importante é estar atento às baterias. “Comecei com uma Rebel T3i, e um dos fatores que me fez trocar de câmera foi a autonomia”, conta Massola. Segundo ele, a EOS 6D captura entre 700 e 800 fotos por bateria, o que exige quatro unidades para um trabalho de noite inteira. “Deixo sempre o equipamento com as configurações de menor consumo, como LCD desligado, sem *preview* de imagens, tudo para economizar bateria. Se é preciso capturar vídeo, o consumo é ainda maior”, adverte.

Arquivos – Atualmente, os principais modelos de câmeras, filmadoras e alguns *smartphones* contam com modos de operação que permitem a criação automática de vídeos em *timelapse*. Quem tem um equipamento capaz de criar o arquivo direto na câmera – como uma Nikon D850, GoPro Hero5 ou Panasonic GH5, por exemplo – pode se perguntar se é melhor processar o vídeo na câmera ou no computador. A resposta vai depender da intenção em relação aos *frames* das imagens e ao fluxo de trabalho a ser adotado. “Situações de natureza são

muito únicas e nem sempre podem ser refeitas. Então, fotografo sempre em RAW e na resolução máxima possível. Dessa forma, tenho cada *frame* disponível, e muitas vezes consigo desmembrar uma sequência de fotos em mais de um *timelapse*, explorando enquadramentos variados”, explica Gustavo.

Realizar o processamento em câmera assim que terminar a captura pode ser uma vantagem, mas, em alguns casos, poderá haver perda dos *frames* individuais com maior resolução. O ideal é procurar saber se a câmera salva todas as imagens individuais, se estarão numa resolução superior à do vídeo, e se o *filmmaker* quer ou não apro-

veitar essas imagens para divulgação do trabalho, como fotos etc.

Matemática – Em *timelapses*, ter paciência é fundamental. Para cada segundo de vídeo, é necessário capturar pelo menos 24 imagens diferentes. Por isso, o *filmmaker* deve fazer as contas para saber de antemão qual será o tamanho do desafio em relação ao tempo e ao número de imagens necessários, e se preparar para isso.

A captura de um pôr do sol, por exemplo, e com *timelapse* de 10 segundos de vídeo a 30 fps, exigirá que todo o processo tenha 300 imagens igualmente espaçadas (ou mais, já que sempre é possível diminuir o número de quadros utilizados). Para um *timelapse* de 0



Com o equipamento pronto, à espera do anoitecer, para começar a sequência

Na captura da sequência de fotos para o *timelapse*, a estabilidade do equipamento é fundamental para a qualidade das imagens



minutos, será preciso capturar 10 imagens por minuto, ou seja, uma imagem a cada 6 segundos.

Estabilidade – Um problema comum são imagens tremidas e desalinhadas entre um *frame* e outro, muitas vezes geradas por vibrações no tripé e na câmera. Para evitar isso, a dica é usar sempre que possível configurações de captura que deixem o obturador sempre aberto – como o modo *live view*. Além disso, sempre utilizar um tripé mais firme e robusto, e estabilizar o conjunto utilizando sacos de areia nos pés ou mesmo pendurando a própria mochila fotográfica nele. Por fim, ainda dá para apelar para o ajuste de estabilização na edição, utilizando ferramentas específicas dos editores de vídeo. Esse recurso pode ajudar a melhorar os resultados, mas dificilmente irá salvar uma captura malfeita.



Longas distâncias – O *hyperlapse* permite ainda criar sequências completamente diferentes, nas quais é possível, por exemplo, “percorrer” uma cidade inteira em poucos segundos. Nesse caso, o recurso usado é a movimentação do conjunto tripé e câmera por todo o espaço que se deseja percorrer. Para *hyperlapses* longos, a dica para conseguir um movimento fluido no vídeo é sempre percorrer uma distância exata, que pode ser pensada a partir de marcas no chão, do tamanho da passada, do pé etc. O mais importante é que o deslocamento seja sempre igual, bem como a altura de captura e o enquadramento. Equipamentos como o DJI Osmo, que já mantém o alinhamento com o horizonte enquanto o usuário caminha, são uma boa pedida nesses casos.

O tempo da foto – Além do intervalo entre as capturas, é impor-

tante se atentar para a configuração de cada imagem produzida, e como elas impactam o resultado final do vídeo. O *filmmaker* deve planejar se vai aproveitar o quadro todo ou parte dele (o que vai influenciar a resolução de captura). Deve-se ter muito cuidado com o tempo de exposição de cada *frame*. “É uma questão de *feeling* de cada situação, pois um tempo acelerado terá um impacto diferente de uma sequência mais suave”, explica Massola. Cada caso exige uma solução, mas alguns valores de referência para as capturas mais comuns são: nuvens no céu, 1s a 10s de exposição, 3s a 1min de intervalo; pessoas se movendo, 1/10s a 1/3s de exposição, disparo contínuo; estrelas e céu noturno, entre 15s e 20s de exposição, disparo contínuo de 40min a 1h, no mínimo; sombras se movendo, exposi-

ção variável, 15s a 20s de intervalo; movimento do sol e da lua, exposição variável, 30s intervalo.

Tentativa e erro – A prática é o melhor caminho para desbravar o *timelapse*, diz Massola. “Aconselho a pessoa a explorar os extremos das situações para aprender as diferentes configurações”, alerta. Alguns “exercícios” simples e que podem ser feitos em qualquer lugar são: *timelapse* de multidão; a sombra de uma árvore se movendo; uma paisagem noturna (urbana ou rural); um cubo de gelo derretendo, entre outros.

“Explore o macro e o micro, buscando os ciclos de tempo em várias pistas. Explorando esse leque, a técnica se tornará muito intuitiva com o tempo”, explica. Outra recomendação são os tutoriais *online*, com dezenas de exemplos de situações e os resultados que cada uma oferece. ●